

GRANDES CENAS / MONTAGEM

EPISÓDIO 03: COPACABANA ME ENGANA

[ABERTURA]

[PRÉ-CENA]

- Tá com a chave?
- Tá na mão.
- Limpar o pé antes, vem.
- Tá.
- Ai, que gelo...
- Olá.

MATHEUS

Final dos anos sessenta, Rio de Janeiro, Copacabana. Um filhinho de papai, bronzado, 20 aninhos, não trabalha, não estuda e passa a vida curtindo com os amigos. Assim é o protagonista de "Copacabana me engana", um dos primeiros filmes a abordar a falta de perspectiva da juventude de classe média brasileira.

FONTOURA

É o primeiro filme que eu dirigi, quer dizer, e tem uma coisa curiosa: eu nunca tinha entrado num set de cinema de ficção antes de fazer esse filme. Eu descobri a direção fazendo esse filme, entende? (/) Eu era um assíduo espectador de cinema, não era um cinéfilo, (/) nessa época eu não era cinéfilo, eu via dois filmes por dia, fosse cowboy o que fosse eu ia assistir. (/) Claro que eu tinha aprendido alguma coisa de técnica de cinema direto porque eu fiz o curso do Arne Sucksdorff junto com uma geração inteira né. Salvá, Jabor... (/) Não, eu já tinha feito dois curtas onde eu comecei a entender o quê que era dirigir um filme, mas nessa época que eu ia ao cinema eu nem sabia que cinema tinha diretor. Eu tinha um caderninho onde eu anotava tudo, nome de diretor eu não anotava, pra mim era o ator, a história... Entende? Num certo sentido, eu acho que... é um filme feito por um espectador.

FONTOURA

"Copacabana, me Engana, eu nasci pra..." quando eu ouvi a música eu falei "É o nome do filme, o garoto é o superbacana de Copacabana evidentemente", só que foi a posteriori né, quando eu escrevi não tinha essa música. Aí eu incorporei o título...

[IMAGENS DO FILME: TÍTULO]

- Você precisa saber da piscina

Da margarina, da Carolina, da gasolina...

FONTOURA

Eu pensava assim: enquanto o Cinema Novo fazia filmes sobre intelectuais de esquerda, eu fiz um filme sobre um burro de direita. É... E era realmente o que eu queria fazer, eu falei: "já tem muito filme sobre intelectual de esquerda protestando, meu Deus, pra quê que eu vou fazer mais um? É... Eu queria falar daquelas pessoas que não estavam envolvidas nos protestos, que não eram as pessoas que queriam "mudar o país", enfim.

FONTOURA

Claro que eu tinha uma visão daquilo tudo, eu tinha sido do Centro Popular de Cultura, ajudei o pessoal do Grupo Opinião, (/) Em sessenta em quatro eu tava filmando com o Eduardo Coutinho, fui cercado pelo exército. (/) Mas eu já tava procurando o meu caminho, que não era um caminho político. (/) Eu morava na rua Barata Ribeiro com a Xavier da Silveira, meus amigos eram da turma da Miguel Lemos, são coisas históricas de Copacabana, pessoal que zoa, que faz bagunça, eu falei "Eu quero recuperar essa turma e... pra poder sair dela.

- Fico invocado quando vejo nego com mulher e eu não. Vamos lá!

- Que é isso, que é isso?

- Polícia.

- Pode me informar onde fica a Avenida Atlântica?

- Ah, ah, ah, ah, ah...

FONTOURA

Eu fiz esse filme pra deixar de ser (/) o Marquinhos, quer dizer: esse garoto de Copacabana que não sabia muito bem o que ia fazer da vida dele. (/) Foi uma maneira de eu sair daquela família, que era um pouco a minha família, que dizer, a mãe é muito inspirada na minha mãe, o pai no meu pai, enfim. Então tem uma história pessoal. Mas eu trouxe dois roteiristas muito bons pra trabalhar junto comigo, que eram o Armando Costa, que depois foi... que era do Grupo Opinião, onde eu também era roteirista, e o Leopoldo Serran. (/) Foi um trabalho colaborativo, mas em cima de uma história que eu tinha trazido. (/) A história de um garotão

da zona sul que começa a ter um caso, ahn, com uma mulher que ele vê da janela do outro lado da rua. (/) E ele começa a quase que fazer uma espécie de uma vida em comum com ela dentro daquele apartamento. (/) Pra ele aquilo é uma aventura né, (/) ele vira uma espécie de herói da turma: pô, com uma mulher daquelas e tudo.

- Ahhhh!

(aplausos)

FONTOURA

Então, ahn, tão construindo ali uma pequena história, que evidentemente acabaria de qualquer maneira, mas que, ahn, tem um corte na chegada do Alfeu...

- Olá.

FONTOURA

... que é o sujeito que (/) mantinha aquele apartamento pra Irene e ela descartou o Alfeu. Então essa cena, vamos dizer, é um retorno do Alfeu querendo con, reconquistar um espaço, mas ao mesmo tempo não só isso, um pouco humilhado porque ela tá com um garotão, né?

FONTOURA

Pra mim essa cena tinha uma coisa muito especial, era o Paulo Gracindo. O Paulo Gracindo é como se você tivesse chamando o papa pra fazer uma cena com você. Por quê que eu tinha o Paulo Gracindo? Porque eu era casado com a Odete Lara quando eu fiz esse filme, eu saí da, um garoto que saiu da casa da mãe e foi morar com a Odete Lara, fiquei três anos vivendo com ela e fiz esse filme para ela inclusive. (/) Ela chamava quem ela quisesse e a pessoa ia, era um mito carioca, né. Então o Paulo foi. (/) "Puxa, meu Deus, eu tenho que dirigir esse cara. E ele é o... Paulo Gracindo..." Eu meio sem jeito chamei ele prum canto e falei "Paulo...", o personagem era o Alfeu, "Paulo, eu preciso te dizer algumas coisas sobre o Alfeu..." Ele olhou pra mim, bateu no meu braço e falou: "Não se preocupa não, meu filho, eu sou o Alfeu."

- Claro.

FONTOURA

E a Odete eu acho a Odete um gênio como atriz, ela pouco fala, mas como ela chama a câmera pra ela, a expressão dela corresponde sempre totalmente ao íntimo do personagem.

FONTOURA

Então a cena é toda construída em cima da familiaridade que o Alfeu tem com cada coisa dali, né, o lugar onde tá o cigarro, o lugar onde tá o disco... (/) Esperando eles, ele se coloca num lugar frontal aonde certamente surpreenderá os dois quando tiverem chegando da praia, provavelmente coisa da qual ele já se informou, ele tem a chave. (/) E é uma cena muito feita de silêncios, né, (/) praticamente quem fala é o Alfeu.

- Passei por aqui e vi seu Manuel dormindo na portaria. Parei pra conversar com ele. (...)
Perguntei por você, ele ficou meio embaraçado.

FONTOURA

Os diálogos dessa cena foram escritos pelo Leopoldo Serran. Ahn, porque a gente dividiu: "O Alfeu é o Leopoldo Serran, porque ele entende de velho", e tal, não sei o quê. (/) Família era eu. Bagunça era o Armando. Foi assim que a gente dividiu Depois juntava tudo, enfim.

FONTOURA

Eu tinha uma equipe sensacional, né, o Affonso Beato era o diretor de fotografia, o Bodanzky era o câmara, o Jorge Bodanzky, então era um luxo de equipe então, enfim, eu montava mais ou menos a coisa com o Bodanzky, o Affonso iluminava, eu voltava lá pra olhar pra ver se eles não tinham mudado meu plano, porque não tinha monitor pra controlar.

FONTOURA

Coisas que o filme não teve: continuísta, (/) diretor de arte, não tinha figurinista e não tinha cenógrafo. O figurino, eu, eu dizia pros atores: (/) "Tragam roupas de vocês". A gente armava um guarda-roupa lá e... Hoje vai com essa roupa, e tal... (/) Essa casa onde tá a, a cena, essa casa foi muito interessante, porque eu sempre tive o hábito de não chamar o ator pelo nome, (/) eu dizia: "Irene..." que é a Odete, (/) "Faz uma coisa pra mim? Arr, monta o seu apartamento." Ela que montou. Ela pediu pro amigo móvel, pediu pra outro um tapete... Com a compreensão que ela tinha do personagem, ela montou aquele ambiente.

FONTOURA

O quê que era o filme de cinema naquela época? Esse filme é dublado. Não, não é som direto... O, o Marquinhos, o que faz o Marquinhos é o Carlo Mossi, ele tinha vindo de um curso de três anos numa espécie de "Actor's Studio" francês. Falava com um sotaque francês, então quem dubla ele é um dublador, Rodney Gomes. E quem dubla o Gracindo, não estava presente, é o Hugo Carvana que faz a voz.

- Eu encontrei na rua outro dia a Clara.

- Eu encontrei na rua outro dia a Clara.

FONTOURA

O Carvana é um gênio de dublagem, era um gênio de dublagem, quem dubla o Gracindo é Hugo Carvana. Eu li... Falei, escrevi pro Gracindo, eu liguei e disse "Olha, tem que ser agora, cê pode vim?" Ele falou não, "Posso chamar o Carvana" Ele falou: "Tá feito." "Vai ficar..." ele falou "Vai fazer melhor do que eu."

- Ele não gostava mesmo daquilo.

/ Garçon, apague esta luz

/ que eu quero ficar sozinha

- Alfeu, eu tenho que sair.

FONTOURA

Eu acho que era uma música da história deles, provavelmente, entende. Eles deviam ouvir essa música quando tavam lá tomando um drinque naquele apartamento. Ele bota porque sabe que vai bater fundo nela. E... mexe com ela, né?

FONTOURA

Aliás, essa cena é toda de subtexto. Ele não (/) olha pra ela e diz "Ah, você me deixou por causa desse bostinha aí" não, é tudo no subtexto, né? Que é uma coisa que enriquece muito o cinema, e que eu vejo muito pouco no cinema brasileiro, é um cinema sem subtexto, é tudo na lata.

- A fechadura ainda é a mesma.

- É, eu sei. Eu não tive tempo de trocar.

MATHEUS

Além de fazer a decupagem, escolhendo quantos planos terá a cena e onde vai colocar a câmara, o trabalho do diretor também é estabelecer a movimentação dos personagens. Algumas vezes a câmara ocupa várias posições ao redor dos atores, em outras são os atores que mudam de posição e a câmara fica, acompanhando-os, sem sair do lugar. Um dos destaques dessa cena é justamente a encenação. Como se movem os atores? Essas ações têm algum significado?

FONTOURA

Do ponto de vista, vamos dizer, da direção, ahn, o que eu gosto é, mas é absolutamente simples, né, quer dizer, não tem nenhum malabarismo, não tem nada. A câmera tá colocada nos lugares certos pra enxergar aquilo acontecendo, com economia narrativa, com economia de meios.

FONTOURA

Eu começava sempre numa marcação eu diria mais teatral do ator, do que, ahn, marcá-lo para a câmara, não, eu marcava primeiro o ator no espaço - não só nessa cena, na maioria delas. E a partir daí eu procurava a melhor maneira de... enxergar isso.

FONTOURA

O máximo que eu fazia era fazer uns desenhinhos assim tipo "Aqui é o sofá..."

- Aqui fica o Marquinhos, fumando...

FONTOURA

Você faz assim uma coisinha, com uma bolinha na frente, né, então é a direção onde o ator tá (/) olhando, (/) pra ter uma noção geral da cena. Mas... ahn, eu nunca decupei uma cena, (/) na minha história cinematográfica eu nunca decupei uma cena. Eu decupo as cenas no (/) set de filmagem. Eu não... Acho que se eu fizer antes não vai ter tanta graça fazer depois. (/) Porque eu, eu não queria decupar, porque eu dizia "Eu vou decupar como, se eu ainda não sei direito qual é o espaço?" Uma cena é uma espacialização, então eu decupava em função do espaço. (/) Eu pegava, colocava eles nos lugares onde eu achava que eles deviam tá e a partir daí procurava as maneiras mais favoráveis de, ahn, e expressivas, e dinâmicas de (/) transmitir aquilo né?

- Pensei que você estivesse chegando.

/ Bebendo tristeza, querendo ocultar

/ O que se afoga no copo

FONTOURA

Eu monto na filmagem. (/) Eu só filmo os planos que eu quero ver montados. (/) Eu não faço (/) duzentas coberturas, pro montador fazer o filme pra você, isso jamais me passou pela cabeça.

(/) Eu tou montando o f, eu to vendo o filme ali. Daqui, eu quero que vá pra cá, ela vai tá ali. Mas só que não é desenhado antes, eu não vim só pra repetir um desenho.

FONTOURA

E ele vai circundando a presa né? Ela é a presa dele, né, e ele vai circundando ela: ele tá aqui, depois ele vem pra cá, ele levanta, vai pra lá... Ele volta pra cadeira e ele não é em nenhum momento beligerante.

- Eu encontrei na rua outro dia a Clara. Ela disse que te encontrou. Te achou mais magra, como no tempo do apartamento da Paula Freitas. Eu duvidei. Naquela época eu te obrigava a fazer ginástica, massagem. Agora parece que você parou com isso.

FONTOURA

Mas... (/) Ele humilha ela o tempo inteiro. (/) Falando daquele mundo rico, ahn, que ela compartilhou com ele, de Cabo Frio, de Búzios (/) "Olha o quê que você deixou", né, é o que ele diz pra ela o tempo inteiro: "Você me deixou por essa coisa calada ali, absolutamente intimidada", que não tem como participar daquilo, ele tá, ahn... Não tem espaço pra ele naquele momento.

- Nos convidaram pra passar o fim de semana em Cabo Frio, não é?

FONTOURA

Mas ela resiste né, e... se impõe no final, né?

[CENA]

- Olá.

- Como vai?

- Bem. Muito bem. A fechadura ainda é a mesma.

- É, eu sei. Eu não tive tempo de trocar.

- Claro. Passei por aqui e vi seu Manuel dormindo na portaria. Parei pra conversar com ele. Perguntei por você, ele ficou meio embaraçado. Continua com aquele excesso de zelo.

- Estive ontem com Mário e Paula, ela está grávida. E muito bonita. Mário deixou a firma. Ele não gostava mesmo daquilo.

("Bar da noite", de Haroldo Barbosa e Bidu Reis)

/ Garçom, apague esta luz,
/ que eu quero ficar sozinha.

- Alfeu, eu tenho que sair.

/ Garçom, me deixe comigo,
/ que a mágoa que eu tenho é minha.
/ Quantos estão pelas mesas,

- Pensei que você estivesse chegando.

/ bebendo tristeza, querendo ocultar?
/ O que se afoga no copo
/ renasce na alma, desponta no olhar.
/ Garçom, se o telefone bater,
/ e se for pra mim,
/ garçom, repita pra ele
/ que eu sou mais feliz assim.

- Eu encontrei na rua outro dia a Clara. Ela disse que te encontrou. Te achou mais magra, como no tempo do apartamento da Paula Freitas. Eu duvidei. Naquela época eu te obrigava a fazer ginástica, massagem. Agora parece que você parou com isso.

/ Você sabe bem que é mentira,
/ mentira noturna de bar.

- Mário comprou uma casa em Cabo Frio. Eu estive lá. É uma maravilha. Ele gosta muito de você. Paula também. Perguntam sempre. São boas pessoas. Delicadas, gentis...

/ Bar, tristonho sindicato
/ de sócios da mesma dor.

/ Bar, que é o refúgio barato

/ dos fracassados do amor.

- Nos convidaram pra passar o fim de semana em Cabo Frio, não é? Vai embora. Vai embora!

- Você tá nervosa. Eu volto.

- Vamos sair daqui.

FONTOURA

Muito boa essa cena, não é? Eu gosto.